

## VII

# “GÜASÚ”, “USÚ” E “ASG” NA HISTÓRIA DA MISSÃO DOS PP. CAPUCHINHOS DE FREI CLAUDIO D'ABBEVILLE

FREDERICO G. EDELWEISS

(Continuação)

O valor da *História* de frei Cláudio reside principalmente nas informações de primeira ordem, que soube recolher de conterrâneos capazes e plenamente identificados com o meio, por longa convivência. O escrupuloso cuidado no coordenar e transmitir os assuntos são a sua valiosa contribuição pessoal. Essa combinação feliz fizeram da *História* do frade uma obra multíplice de primeira ordem e singular para o assunto que nos ocupa, a despeito do tempo limitadíssimo que passou no Maranhão e da exigüidade dos conhecimentos diretamente assimilados.

Passam de meia centena os aumentativos contidos no grande livro do curioso e diligente capuchinho (1). Só a este título já é a fonte mais importante, que se junta aos compêndios jesuítas para o estudo mórfico dos aumentativos em *glasú/usú* no tupi antigo, do qual o tupinambá foi a fonte mais importante. A variedade dos térmos é outro mérito a ressaltar em nossa resenha e conexamente vale salientar que a *História da Missão* é o mais valioso subsídio ao capítulo dos topônimos e antropônimos, o ambiente mais

(1) *Histoire de la Mission des Pères Capucins en L'Isle de Maragnon etc.* Paris, 1614. — Edição fac-similar de Paulo Prado; Paris, 1922. A Livraria Martins Editória publicou na série Biblioteca Histórica Brasileira a tradução de Sérgio Milliet com as notas que Rodolfo Garcia elaborou para a edição francesa de Paulo Prado, em 1922.

propício aos aumentativos. Ao examiná-los de mais perto vemos que êles raras vêzes pairam na atmosfera romântica de certas obras de ficção, pois o adjetivo *gūasú/usú* reforça com freqüência facetas negativas.

Quanto à justeza gramatical do emprêgo de *gūasú*, não há, nos 37 exemplos, uma única transgressão da regra anchietana (1A). Nos 9 terminados em *usú* ocorre uma divergência, mas, em compensação, um dos 8 em *asú* também admite *gūasú*, como no tupi, mostrando a ascendência dessa forma secundária, *asú*.

Apenas a dois de todos êsses aumentativos preferimos não apor a forma tupi correspondente. Nenhum serviço prestaríamos aos estudos comparativos em nossa lingüística indígena com juntar novas hipóteses às que já temos em profusão.

Para cotejos com o tupi clássico a crônica de frei d'Abbeville é um vasto repositório quase inexplorado, em que pese o sincero esforço de Rodolfo Garcia por comentar-lhe os têrmos tupinambás. Discípulo que foi de uma corrente da segunda metade do século passado, que ainda pensava poder decompor em primitivos monossílabos significantes todos ou pelo menos grande parte dos vocábulos tupis, como se o tronco tupi-guarani fôsse primário e não houvesse nêle alienigenismos, as suas notas não podem satisfazer as exigências da lingüística moderna. Só por exceção se afasta, vez por outra, daquilo que, antes dêle, aventara Batista Caetano, êste, aliás, quase sempre de maneira muito menos categórica. Foi Batista Caetano de Almeida Nogueira o perene manancial de todo o grupo de diletantes, que, entre 1880 e 1940, folheavam léxicos à procura de etimologias. Era um esforço em grande parte destituído de orientação científica, mas que, de uma forma ou outra, manteve o fogo sagrado de uma disciplina que só morrerá em nossas Universidades, quando se nos apagar a última centelha do sagrado amor ao nosso passado, que se prolonga na língua pátria.

O pior nesse "catar de etimologias" estava no uso quase exclusivo de léxicos desnorteantes, principalmente do vocabulário guarani (!) de Batista Caetano e sem os indispensáveis conhecimentos gramaticais. A cada passo transparece, assim, o despreparo de Rodolfo Garcia em assuntos da morfologia comparada.

As nossas observações, por vêzes longas, procuram tanto retificar a tradução brasileira (2) e as notas do comentarista, como, e principalmente, completar estas últimas, estabelecendo maior harmonia entre ambas, pois, não pode haver dúvida de que o tradutor e o anotador trabalharam divorciados, cada qual para o seu lado.

(1A) Esta verificação comprova, ainda que em setor restrito, o escrupuloso respeito dos jesuítas aos fatos lingüísticos na sua tarefa uniformizadora para fins pedagógicos.

(2) "História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão etc. — São Paulo, 1945.

O conjunto dêstes senões não tira certos méritos à edição brasileira, sobretudo o da divulgação, mas clama desesperadamente por outra à altura das nossas exigências universitárias, principalmente no que tange à fidelidade na transcrição dos termos indígenas do original em grafia nossa, realmente equivalente.

*A forma "gûasú" em d'Abbeville*

Grafia de frei d'Abbeville	Forma tupi em nossa grafia fonêmica	'Tradução portuguêsa
Aiourou-ouassou (fl. 184)	— aíurú-gûasú	— papagaio grande, moleiro (3);
amboua-ouassou (fl. 185)	— ambuá-gûasú	— centopéia, embuaçu (4);
camboury-ouassou (fl. 194)	— kamury-gûasú	— camurim-açu, robalo (5);
canoua-ouassou (fl. 184v)	— kanugûá-gûasú	— o grande furta-côr (6);
cay-ouassou (fl. 186v)	— kai-gûasú	— um macaco (7);
comarou-ouassou (fl. 226)	— kumarú-gûasú	— cumaru (8);

(3) Segundo Goeldi — Aves etc. p. 19. — Rodolfo Garcia, cap. 32, p. 148, nota 38, dá ajurú-açu, que é uma forma nheengatu. Traduz ajurú, com Batista Caetano, por boca de gente, a exemplo de Teodoro Sampaio. É uma etimologia tentadora, mas onde falta comprovar, com exemplos antigos, que o a inicial significa gente.

(4) Também aqui R. Garcia se limita a transcrever a etimologia dada no Tupi na Geografia Nacional, II. ed. mas que T. Sampaio eliminou a III. e fez muito bem.

(5) R. Garcia está enganado quando afirma que o camurim é desconhecido com o qualificativo gûasú. Ainda toma vários outros, de acordo com as características das diversas espécies de robalo. Veja Vasconcelos — Ictiologia, p. 30.

(6) A palavra tupi não foi identificada pelos responsáveis da tradução brasileira. Kanugûá, que é a forma tupi correta, não significa simplesmente colorido, como dá a entender o original, mas cores que mudam, conforme à incidência da luz. O nome é aplicado principalmente às penas de aves e se traduz perfeitamente por furta-côr.

Kanugûá foi um dos vocábulos mais maltratados na edição brasileira. Não atinamos com a razão que levou o tradutor a verter tainture por pau-de-tinta (!! p. 144). E oferecem isto como tradução aos estudiosos brasileiros!

R. Garcia, por seu turno, transforma o termo tupi em canduá — limo de árvore (!), a palavra mais parecida que achou no vocabulário guarani (!) de Batista Caetano, onde os nossos etimologistas costumavam estudar tupi! O resultado foi o que se vê.

(7) A tradução brasileira transcreve erradamente cai-açu. R. Garcia reproduz o nome certo, mas faz etimologia às avessas. Não é de kai — envergonhado que o macaco tomou o nome, mas, ao contrário, no guarani o termo tomou o sentido de vergonha, envergonhado, pelo costume do cai de se tapar a cara. No tupi, a evolução semântica não foi a mesma e a acepção de vergonha, envergonhado do termo não consta dos seus léxicos (pp. 146 e 202).

(8) Nova substituição de ouassou (= ñasú) por açu na tradução brasileira. R. Garcia só verteu a primeira parte do termo, que encontrou em Batista Caetano. Entretanto, a etimologia é das mais transparentes: kuma — pevide, semente e una — preto. A forma extensa do adjetivo ainda se mantém no nome científico.

conronron-ouassou (fl. 185v)	— korôrô-gûasú	— grande roncador (9);
copouih-ouassou (fl. 222v)	— ?	— ? (10);
coras-ouassou (fl. 184)	— korá-gûasú	— o grande Nicolau (11);
cougnan-ouassou (fl. 365)	— kunhâ-gûasú	— mulher grande;
coureman-ouassou (fl. 244v)	— kurimâ-gûasú	— tainha grande (12);
iapyy-ouassou (fl. 67v)	— iapy-gûasú	— japiuaçu, japiaçu (13);
iasseutata-ouassou (fl. 318)	— fasy-tatá-gûasú	— estréla d'alva (14);
loura-euta-ouassou (fl. 188)	— furá-ytá-gûasú	— esteio grande de jirau (15);
maouary-ouassou (fl. 184)	— maguary-gûasú	— maguari (ardea cocoi) (16);

(9) A tradução brasileira transformou o termo em conronron-açu. É de origem onomatopeica.

(10) A descrição de Abbeville não corresponde ao cupuaçu sugerido por R. Garcia (p. 172).

(11) É um daqueles termos para cuja interpretação pouco valem os vocabulários tupis, guaranis ou mesmo português. Por outro lado, admitir com R. Garcia que o nome português de elemento cultural tão exótico para os tupinambás como curral se popularizara no Maranhão em 1612 (1) já representa indefensável escorregão anacrônico, enquanto guiná curral a epíteto de um chefe tupinambá, naquela época, é simplesmente uma falta de respeito para com o leitor.

Colas-ouassou foi certamente o nome dado no Maranhão francês a um dos chefes, quicá batizado. Os tupinambás pronunciariam korá-ûasú, como testemunha frei d'Abbeville, já que o tupi não tinha o fonema L. Aliás, o Colas maranhense não foi o único deste nome entre os tupinambás. Nicolas Durand de Villegaignon foi apelidado de Paycolas pelos tamolos, segundo Léry, cap. VI. Leia-se pal-korá; Léry troca diversas vezes o R tupi, sempre muito brando, por L inexistente. Ao lado do epíteto Kolá-Gûasú, dado pelos franceses, este tubixaba usava o nome indígena de Maguari-Gûasú.

(12) A etimologia dada por R. Garcia converte em certeza uma vaga hipótese de Batista Caetano (Vocabulário, p. 438); basta comparar kyrybae com kurymã, que ali se querem sinônimos (p. 193).

(13) Abbeville dá três nomes conexos: lapy, lapy-ouassou e iapyy (ff. 67v, 183, 288 etc.). Iapyy-ouassou deve ser engano nas notas, que o próprio d'Abbeville parece ter reparado, quando diz à fl. 183: iapyy-ouassou ou lapy-ouassou. A tradução brasileira uniformizou todas as formas por japi-açu, sem o mínimo respeito ao original. Quanto à etimologia, de R. Garcia, nem i é demonstrativo, nem plé significa delgado, fino e o conjunto dos seus étimos aventados não caracteriza este pássaro.

(14) A tradução literal de fasy-tatá é fogo ou lume da lua e não lua cintilante, como diz R. Garcia. A tradução brasileira dá jacei por fasy. A etimologia também a lenda, de lucubração civilizada a posteriori. No mesmo caso está a etimologia de kúarasy — mãe deste dia, para o sol.

(15) A tradução brasileira (p. 150) traz jura por iurá — jirau, manteve, polêmico, a grafia euta, forma fonêmica francesa por ytá. R. Garcia com o vocabulário de Batista Caetano não conseguiu identificar o termo. Ytá, com y (euta), não é pedra — itá, mas esteio, de onde: estelos grandes de jirau, como indica d'Abbeville (p. 15). A palavra iurá também tem o sentido de palafita, como se vê em d'Evreux, p. 28.

(16) A tradução brasileira (p. 142) tem estranhamente maari-açu. A forçada etimologia de Batista Caetano, citada por R. Garcia, p. 190, não se refere ao maguari (Ardea) de Abbeville. Maguari vem de ma, índice de classe inferior cor-

momboré-ouassou (fl. 149)	— momborer-usú	— certo índio velho (17);
ouara-ouassou (fl. 362)	— gúará-gúasú	— um peixe carangideo (18);
ouarouma-ouassou (fl. 182)	— gúarumá-gúasú	— arumá-açu (19);
ouia-ouassou (fl. 248)	— gúafá-gúasú	— guaiá-das-pedras, guajá, goiá (20);
ouroucourea-ouassou (fl. 233)	— urukú-reá-gúasú	— coruja-do-campo (21);
oury-ouassou-eupé (fl. 185)	— gúiri-gúasú-kúe pe	— certo pesqueiro dé bagres (22);
ouyra-essa-ouassou (fl. 184)	— gúyrá-esá-gúasú	— ave-olho-grande (23);

respondente a mbaé — indivíduo, cousa, e guaré — tortuoso, recurvado, referindo-se ao aspecto costumeiro do comprido pescoço do manguri. (17)

Não se comprehende bem como pode R. Garcia dar o significado de momboré com a simples referência a biré (?) e boré — tróbetta. Momboré é um verbal. Do verbo tupi momborera — atirar, lançar forma-se o derivado substantival de pretérito momborerá — o que foi atirador. A julgar pelo nome do velho índio, o termo usava-se apoculado no dialeto tupinambá do Maranhão: momboré, cujo augmentativo foi, assim, momboré-gúasú — o que foi grande atirador. O aumentativo tupinambá diverge, assim, do tupi clássico, que é momborer-usú, por ser o positivo tupi momborera uma palavra paroxítona. Ambos obedecem às regras gerais.

(18) Felizmente o significado foi indicado por d'Abbeville, pois temos ainda outros guarás, um canídeo e uma ave, ibis rubra (p. 276). O gúará-gúasú é um xaréu.

(19) Na tradução brasileira se lê uaruná-açu, talvez por erro tipográfico. O português perfilhou, como em outros casos, a forma nheengatu arumá-açu ou aruma-açu. (p. 140).

(20) O nome tupi para o caranguejo que vive debaixo das pedras, no mar, é gúaiá. Ouia (- uiá) que se lê em d'Abbeville deve ser erro de transcrição. Note-se que gúaiá não era o nome genérico dos caranguejos, como afirma Ihering — Dicionário dos Animais, p. 368, mas comprehendia tão somente dos marinhos aquêles que vivem debaixo das pedras. Guaja-açu, como escreve R. Garcia, pode ser nheengatu, tupi é que não é. (p. 198).

(21) O nome é daqueles que lembram certas afinidades especiais do tupinambá maranhense com o guarani, cujos vocabulários também o registram, enquanto o Vlb. não o tem. A classificação de R. Garcia, p. 183, não coincide com a de Goeldi — Aves do Brasil, pp. 70-71, nem o nome é onomatopálico, como afirma R. Ihering, no seu Dicionário dos Animais do Brasil, p. 285. As grandes manchas transversais avermelhadas da plumagem deviam lembrar a tonalidade do urucu. O nome reá tem o sentido de campeiro em alguns dialetos tupi-guaranis, conforme nos diz Montoya (Tesoro, fl. 338v).

(22) O texto francés traz eupe por cupe — acolá, em alguma parte, longe. Esta forma aparece também no guarani. Em tupi temos no seu lugar kúe pe. A tradução literal do termo é pois: em certo lugar de bagres, longe nos bagres. R. Garcia transforma o advérbio kupe na preposição supé — sobre, que ali seria um contra-senso e adultera assú em asú. A tradução brasileira mantém o sentido e o erro do original eupé por cupe, vocábulo que é átono; cupé vem com acento no e do texto francés para indicar que não é mudo. (p. 144). O complexo é proparoxítono. O gúiri-gúasú devia ser uma espécie de bagre avantajado. Marçgrave menciona diversas delas. A. Vasconcelos afirma que, entre os brasil-índios, guri designa os peixes de pele. Nos velhos compêndios tupis nada consta a favor de tal suposição. — Gabriel Soares, parte II, cap. 132, tem curi por guri.

(23) Aqui d'Abbeville equivocou-se, ainda que o composto tenha duplo sentido. Se o considerarmos justaposição, devemos traduzi-lo por ave-olho-grande. E o sentido mais plausível desse apelido de tubixaba, embora não tenhamos notícia de qualquer representante do mundo alado com o nome de olho-grande. De acordo com a lição de Anchileta, Arte, fl. 9, gúyrá-esá-gúasú também é forma admissível por gúyrá-resá-gúasú, tendo ambas o sentido de grande olho de ave. Note-se que nas construções por meio do genitivo os complexos sempre se traduzem de trás para frente. De forma alguma significam olho de ave grande, que em tupi é gúyrá-gúasú-resá. Neste escorregão tão claro esperamos de balde qualquer restrição

ouyra-ouassou	— gûyrá-gûasú	— ave de rapina, uraçu, harpia (24);
(fl. 232)		— gavião preto (25);
ouyra-ouassou-on	— gûyrá-gûasú-una	— gavião malhado (26);
(fl. 232v)		— gavião pardo (27);
ouyra-ouassou-pinim	— gûyrá-gûasú-pinima	— piab-usú
(fl. 182v)		— piaba grande (28);
ouyra-ouassou-pouytan	— gûyrá-gûasú-pitanga	— sy-gûasú-aka
(fl. 232v)		— um veado (29);
pyiave-ouassou	— piab-usú	— taiá-gûasú
(fl. 247v)		— taiá grande (30);
sou-ouassou-ac	— sy-gûasú-aka	— tata-ouassou
(ff. 140 e 143)		— tatá-gûasú
taiá-ouassou	— taiá-gûasú	— tatá-gûasú
(fl. 229v)		— tatá-gûyrá-gûasú
tata-ouassou	— tatá-gûasú	— tatu-ouassou
(fl. 183v)		— tatú-gûasú
tata-ouyra-ouassou	— tatá-gûyrá-gûasú	— ave grande de fogo, gavião de fogo (32);
(fl. 239)		— tatu grande;
tatou-ouassou	— tatú-gûasú	
(fl. 184)		

de R. Garcia, e, o tradutor, que substituiu erradamente *guasú* por *asú*, naturalmente não estava em condições de contestar o erro do original, que o mestre deixou passar. (p. 142).

(24) Por que escreve R. Garcia *agu*, que não ocorre no texto e que o tupi não admite? E, por que *pássaro*, que não é, por *ave*? Na tradução brasileira, p. 182, na terceira linha de baixo, leia-se *pernas vermelhas* em vez de *peanas vermelhas*. *Gûyrá-gûasú* é a designação tupi das grandes aves de rapina em geral.

(25) A nossa tradução é apenas literal. Na tradução brasileira aparece *acu* por *guacu*, única forma admissível após vogal acentuada.

(26) Ainda tradução literal nossa. A nossa 13 da tradução brasileira, p. 140, tem os erros habituais de R. Garcia: *pássaro* por *ave* e *agu* por *guacu*.

(27) Tradução literal. *Pitanga* não é *vermelho*, como afirma R. Garcia, mas *avermelhado*, *castanho*, *pardo*, *moreno*; nem *grande* é *agu*, neste caso. (p. 182). O tradutor brasileiro, ignorando que d'Abbeville representa por *vézes* o *y* tupi por *ouy*, também grafia *puitá*, por *pytá*. Os jesuitas não admitem *pytanga* como d'Abbeville, mas *pitanga*.

(28) *Piaba*, ou *pylaue*, como grafia d'Abbeville, é palavra paroxítona e como tal só admite *usú*. A forma *ouassou*, que aparece no original, deve ser erro de cópia. A tradução brasileira mantém aqui a grafia do original, mas *piaba-acu*, como escreve R. Garcia, nunca foi tupi; os nossos pescadores ainda hoje pronunciam corretamente *piab-usú*. (p. 197).

(29) Aqui aparece a forma mui aconchegada à tupi: *sy-gûasú* > *sú-gûasú*; mas, como todas as outras designações superlativas de veados apresentem aqui a forma *asú*, voltamos a este verbo abalxo, na nota 49, no parágrafo das formas em *asú*.

(30) É a raiz de uma variedade grande de *taloba*. A forma *taloba*, que passou para o português do Brasil, corresponde ao tupi *taiá-oba* — *fólia de taiá*. O aumentativo de *taiá-oba* é *taiá-ob-usú* — *taloba grande*. E este composto que R. Garcia escolheu para mostrar como eram precários os seus conhecimentos de tupi. Comega por confundir *taiá-gûasú* com *taiá-ob-usú*. *Taiá*, sendo palavra oxítona, só admite *guasú* e a paroxítona *taiá-oba* exige *usú*. Daí *taiá-gûasú* — *taloba grande* e *taiá-ob-usú* — *taloba grande*. *Talabuçu* é, pois, invenção infeliz de R. Garcia; nunca foi tupi, porque a forma *buçu* para *grande*, da qual precisa para a sua etimologia, nunca existiu (p. 179).

(31) O sentido literal é *grande fogo*, que vem no texto. Na tradução brasileira vem *tatu* em lugar de *tata* (p. 141).

(32) R. Garcia sempre escreve *guirá* por *gûyrá*. Já os jesuitas adotaram, no correr do século 17, o *y* na representação do *i* gutural tupi. R. Garcia também não se acostumou a distinguir o *u* semivogal do *u* mudo; *gûyrá* fôra mais indicado la sua grafia. E, por que muda o certo *guacu* no inadmissível *agu*? A nossa tradução portuguesa é aqui apenas literal. (p. 188).

teiou-ouassou (fl. 248v)	— teiú-guasú	— teiu-açu (33);
tinmocou-ouassou (fl. 246)	— tí-mukú-guasú	— agulhão (um peixe) (34);
touboma-ouassou (fl. 188v)	— tukumã-guasú	— tucumã-guaçu (35);
unaú-ouassou (fl. 252)	— ynay-guasú	— preguiça (zoo.) (36);
vua-ouassou-ran (fl. 222v)	— ybá-guasú-rana	— falsa fruta grande (37);

(33) A tradução brasileira traz *teju* por *teiu*, mas deixa *uacu*. A representação fonêmica exata do original é prática indispensável em traduções que se queiram impor. Não se comprehende por que os nossos etimologistas ainda não deram pelo absurdo do sentido que Batista Caetano confere a *teiu*: comida da tropa, da gentalha, como se a organização social dos tupi-guaranis se assemelhasse a dos baronatos feudais. (p. 198).

(34) Pelo menos desta vez R. Garcia tem opinião própria, mas, não tendo plena certeza, ainda transcreve o impagável *timucu* de Batista Caetano, que não se atreveu a corrigir. A grafia de Abbeville mostra suficientemente que o *i* de *tin* é nasal; *tin* corresponde ao nosso *ti*. É esse caráter nasal que, pelas exigências taxativas da eufonia tupi, transforma por abrandamento o adjetivo *pukú* — longo, comprido, alto, em *mukú*. (Compare *kunhá mukú* — mulher crescida, feita, núbil). O guarani preferiria a forma *timbukú* à tupi *timukú*. Batista Caetano cita em seu lugar *timbuçú*. (Vocabulário, p. 520, verbete *tinguaçu*). Se ele viu o vocábulo com e cedilhado (6) em algum texto fidedigno, trata-se de um erro de impressão por *timbuçú* (*timucú*) e não de uma variante impossível de *ti-guasú*. Batista Caetano, neste caso, só não deu pelo engano, porque nunca comprehendeu o emprego fixo de *usú* e *guasú*, como se vê claramente nesses verbetes do seu vocabulário. *Ti*, por ser monossílabo tônico terminado em vogal, só aceita *guasú*. As variantes de *usú* por ele citadas (Vocab. p. 552): *buçú*, *muçú*, *nduçú*, *nguçú*, *ruçú*, simplesmente não existem, nem mesmo no guarani, porque todas as iniciais que nelas aparecem são efetivamente desinências da parte antecedente da palavra composta, como deixamos provado em seu lugar. (Veja a nota 1 do primeiro capítulo). Tais lacunas surpreendentes em Batista Caetano têm, como outras, a sua principal origem no desprezo doentio que votava ao tupi, só porque inúmeras vezes não coincidia exatamente com o guarani, como se em glotologia se pudesse desprezar qualquer fato inesperado sem prejuízo eventual das conclusões. E... os seus discípulos incertos e submissos vão sofrendo as consequências e propagando algumas afirmações insustentáveis. (p. 195).

(35) É o nome de uma palmeira e do seu fruto. No texto francês houve a troca do *e* por um *u*. Na tradução brasileira vem *tubomã-açu* e na nota 16 *oussou* por *ouassou*. É um dos verbetes mais maltratados. R. Garcia resgata esses deslizes pela feliz reconstituição do termo. É pena que a sua incumbência de contribuir com as etimologias o levassem novamente a dar como indiscutível uma vaga hipótese de Batista Caetano, que fere frontalmente a lício do Vib. no verbete *palma*, p. 150. Veja a nota 18, no capítulo dedicado a Thevet.

(36) A preguiça aparece na nomenclatura zoológica com dois nomes. Os jesuítas do Brasil, Thevet, Léry e Gabriel Soares de Sousa dão-lhe o nome de *ay*. Abbeville e atrás dele Marcgrave, Laet e Barleu afirmam que os tupinambás do Maranhão a denominavam *unaú*. Ora, d'Abbeville representava os fonemas à francesa e, assim, *unaú* corresponde em nossa grafia tupi a *ynay*. Na literatura científica *unaú* ficou restrito à preguiça de dois dedos, embora na descrição de Abbeville ela tenha três. É lastimável que na tradução brasileira não tenham aportuguesado a grafia fonêmica francesa *unaú* para *ynay* e que tenham, entretanto, substituído *uacu* por *açu*, (p. 201).

(37) Em tupi, *ybá-guasú* é fruta grande. D'Abbeville não se refere a nenhuma fruta com este nome. Entretanto, a sua existência não pode ser posta em dúvida diante de *ybá-guasú-rana* — fruta parecida com a «fruta grande» por ele citada e que pressupõe outra, que lhe serviu à comparação. O Vib. registra *ybá-guasú* com a acepção de cidra, que é exótica na América. *Ybá-guasú-rana* seria, assim, literalmente uma fruta parecida com a cidra, entre os tupis. Porém, no Maranhão, *ybá-guasú* (*yvá-guasú*) designava o côco da Índia. Encontramos-lhe a definição no Dpb. e na Poranduba Maranhense na forma de *ybá-bacú*, que deu origem à palavra *babacu* (*yvá-guasú* > *ybá-basú* > *ba-basú*). O sentido etimológico de *babacu* é, portanto, fruta grande (p. 172). O termo maranhense *ybá-guasú-rana* é literalmente o falso côco (da Índia), o côco semelhante ao da Índia.

### *A forma "usú" em d'Abbeville*

iereuu-ousou	— iereb-usú	— jereba (um urubu) (38);
(fl. 182v)		
ouyrapar-oussou	— urapar-usú	— o arco grande (39);
(fl. 188v)		
ouyrayue-oussou	— gûyrá-iuk-usú	— grande ave velha (40);
(fl. 187)		
quattiare-oussou	— kúatiar-usú	— letra grande (41);
(fl. 184v)		
taper-oussou	— taper-usú	— tapera grande;
(fl. 184v)		

(88) O tradutor brasileiro escreveu *jere-uçu*, assassinando a forma original. Se entendesse um pouco de tupi, saberia que *usú* exige a precedência de consoante ou semivogal, mesmo nos dialetos tupinambás. Porém, independente disso, não se comprehende o corte das duas letras finais da primeira parte do composto. Quanto à etimologia, R. Garcia lançou mão do sufixo *bae*, porque não sabia que os verbos intratativos funcionam também como adjetivos e nem mesmo conhecia o verbo tupi *jereba* — girar, voltejar (p. 140), que, na qualidade de adjetivo, significa voltejante, de onde o sentido substantival o voltejante.

(89) *Ouyrapar* corresponde à forma guarani *gûyrápá*. No tupi temos *urapara*. Thevet indica a prondíncia grafando *orapá*. Léry escreve *orapat*, mas as do primitivo termo *ybyrá-apara* — pau encurvado, segundo o Vib. A tradução brasileira é fiel na transcrição adaptada do original, mas ninguém comprehenderá a intenção de R. Garcia ao consignar *guarapar*, que não é, nem tupi, nem tupinambá (p. 150).

(40) Dos numerosos desacertos contidos nas notas de R. Garcia, nenhum patenteia melhor as graves falhas dos seus conhecimentos tupis do que a temerária restauração do termo *ouyrayue-oussou*, com a qual procura dar um quinau ao grande cronista que, aliás, fornece a tradução feita por quem sabia: grande ave velha. Em primeiro lugar, R. Garcia, que tanto manejou os termos tupis do capuchinho francês, já devia estar convencido da sua escrupulosa redação, pois raras são as inexatidões e não passam de trocas, omissões, ou enxertos de letras na composição. Algumas vezes deixa de dar a tradução, mas quando a cita, não a falsifica. R. Garcia, pois, ao afirmar que d'Abbeville traduziu *ave velha* em vez de *ave amarela*, faz-lhe grave injustiça. Isto posto analisemos a restauração *gûyrá-ju-uçu* aventada por R. Garcia. Amarelo em tupi é *luba* que se apocopa em *lub* quando lhe segue uma palavra começada por vogal. Mesmo a forma *guarani*, que é *lu*, retoma em tais casos o *b* arcalco, embora alli não apareça no vocabulário isolado. Tanto no tupi como no guarani antigos, *ave amarela grande* é, pois, *gûyrá-lub-usú*, de conformidade com a nossa demonstração nos comentários a *ygár-atar-usú* no cap. V. parte III. do nosso livro *Estudos Tupis e Tupi-Guaranis*. A forma *lu-usú* nunca existiu e não aparece no livro de frel d'Abbeville. Como vimos, o que nêle se lê é *yue-oussou*. Ora, quem tiver a mais leve tintura da lingüística tupi-guarani, sabe que *yue* exigiria *guastú*, tanto no tupi como no guarani e que *usú* não é admissível, senão após uma consoante ou semivogal. O é de *yue* deve assim ocupar o lugar de um desses fonemas, ou então *usú* foi enganado erroneamente por *guastú*. Examinemos a primeira hipótese, por ser mais plausível. A letra mais parecida com *e* sendo *o*, é natural que atentemos primeiro à possibilidade da sua troca. Efetivamente, *lyka*, ou seja *yue* na grafia de Abbeville, é propriamente *rijo*, fibroso por velho, em tupi. No guarani *tyg* tem as mesmas acepções. Com todo o respeito devido a tradução fornecida por d'Abbeville podemos pois afirmar, que a grafia original deve ter sido *ouyra-yuc-oussou* — grande ave rija, fibrosa ou dura de velha. Também aqui R. Garcia escreve *gûyrá* por *gûyrá* e *pássaro* por *ave* (p. 147).

(41) Os significados que se dão ao termo *kúatiara* no Vib. são: pintar, escravar, o pintar, o escrever, traduzindo a ação, mas não o resultado, que ali vem designado pelo participio *mikúatiara* e *l kúatiare-pyra* — o pintado, o escrito, a letra, a carta, etc. Entretanto, já no Auto de São Lourenço, verso 761, temos *kúatiara* também com o sentido de pintado e Montoya emprega o mesmo infinitivo também em todos os casos para os quais o Vib. prescreve o participio passivo: *debuxo*, *escritura*, *pintura*, *carta*, *letra* e até para *papel*. Foi, portanto, extensa a evolução semântica do termo. Escrevendo *kúatiar* — letra etc. e *kúatiara-usú*, R. Garcia troca as bolas. Em tupi é *kúatiara* e *kúatiar-usú*.

tapyr-oussou (fl. 208v)	— tapiir-usú	— anta, tapir (42);
tokay-oussou (fl. 185)	— tokai-usú	— choça grande (43);
tupoy-oussou (fl. 184v)	— typoi-usú	— tipoia ou charpa grande (44);
yenday-oussou (fl. 233v)	— fandai-usú	— jandaia grande (45);

*A forma "asú" em d'Abbeville*

sou-assou (fl. 249)	— sy-guású	— veado (46);
------------------------	------------	---------------

(42) A anta era designada, tanto por *taplira*, como por *taplir-usú*. Abbeville escreve *tapyr* e à fl. 184 *tappyre*. *Tapy-toussou*, que se lê no flm do cap. 24, é errô por *tapyr-oussou* e não uma variante como quer R. Garcia. (pp. 162, 142 e 118).

(43) A tradução brasileira prefere o errado ao certo, trazendo *acu* por *ueu*; mas isto pouco representa diante da incrível afirmativa do nosso tupinista. Diz ele, à p. 144, nota 58: «E palavra mal grafada; à p. 226 (da tradução brasileira) está com a mesma significação, *ouyraro kay*, de que *tokay* é simples alteração das duas últimas sílabas». Nenhum dos pretensos convededores do tupi antigo da segunda metade do século passado e das primeiras décadas do atual compreendeu a função dos índices de classe. A razão é muito simples. No guarani o alcance desses índices já não parece ter sido muito transparente, quando Montoya elaborou os seus compêndios. Não chegou por isso a compreendêlo, pois tão só com acurados estudos comparativos do guarani com o tupi, que é mais arcaico, chegaria à solucionar o problema. Batista Caetano, o maior convededor do guarani antigo entre nós, estaria em condições de preencher essa lacuna dos autores guaranis, se desse às gramáticas de Ancheta e de Figueira o valor que elas têm. Infelizmente, o seu desprezo incontido pelos nossos frustrou-lhe parte importante do seu admirável esforço. E, como a maioria dos aludidos estudosos do tupi entre nós costumava ler pela cartilha guarani de Batista Caetano, principalmente R. Garcia, o capítulo dos índices de classe *t* e *s* com as suas mudanças permaneceu para eles um enigma indecifrável. Nem aqui poderemos explicar todo o mecanismo da sua função. Atenhamo-nos, pois, ao que respeita a palavra *tokaia*, que significa *choça* (de gente), pois o *t* inicial móvel é o índice de classe superior (gente, entes mitológicos etc.). *Sokala* seria a *choça*, o abrigo de entes inferiores, animais; porém, como a forma *sokala* não removera todas as dúvidas, porque a mesma forma coincide na terceira pessoa com a da classe superior, costuma-se apor a qualquer abrigo de animal o competente adjunto adnominal, que, por sua vez, exige a substituição do índice de classe pelo índice relativo, que é *r*. Temos assim:

guyrá-rokaia	— abrigo de ave, galinheiro;
talasú-ro-	— pocilga;
tapí-roka	— curral.

*Tokai-usú*, no flm do cap. 32 é muito correto; entretanto o seu sentido é pròriamente *choça grande*. Galinheiro vem no flm do cap. 47 (p. 226) — *ouyra-rokay*; mas aí, por algum lapso, a primeira sílaba *ro* da segunda parte passou a primeira em *ouyraro-kay* por *ouyra-rokay*. — Os abrigos de espera dos caçadores também eram chamados *tokaia* e daí vem a acepção de *tocaia* em português. Mas a etimologia de R. Garcia: *oká-i* — casa pequena já mostra na acentuação a sua inadmissibilidade (p. 226).

(44) O significado de *typola* difere do *tupi* para o *guarani*. Para Cardim (p. 170) serve igualmente para carregar crianças. O Vlb. não o registra, mas tem *typofrança* para rede *tapada*, ou seja de tela, embora Gabriel Soares diga que os tupinambás da Bahia não sabiam tecer. Entre os carijós, *typoi* era uma espécie de bata sem mangas, no dizer de Staden (p. II, cap. II). Montoya escreve *tupol*, traduzindo-o por vestido de mulher. O tradutor alterou o texto e maltratou o *tupi*, escrevendo *tipó-i* e o mesmo faz R. Garcia com o seu *tinoia-ueu*. A etimologia de Batista Caetano carece de achegas similares (p. 148). Como vemos, *typola* não é neologismo, como pensam alguns.

(45) O tradutor erra substituindo *usu* por *asú* e R. Garcia, sugerindo qualquer das duas formas, faz uma concessão inadmissível. Transcreve também uma

sou-assou-apar	— sy-guású-apara	— veado galheiro (46);
(fl. 249)		
sou-assou-aran	— sy-guású-arana	— onça parda, puma (47);
(fl. 251v)		
sou-assou-caé	— sy-guású-kaé	— veado moqueado (48);
(fl. 186v)		
sou-assou-ac	— sy-guású-aka	— um veado (49);
(ff. 140 e 143)		
tay-assou	— tai-asú	— porco-do-mato, caitetu (50);
(ff. 184 e 249)		
tay-assou-eté	— tai-asú-eté	— porco-do-mato maior, queixada (51);
(fl. 249v)		
tingassou	— tingasú (?)	— uma estréla (52);
(fl. 317)		

daquelas etimologias em que Batista Caetano violenta a composição vocabular para amparar uma acepção questionável (p. 183).

(46) Leia o nosso extenso comentário a *se-ouassou*, no capítulo referente a Léry, nota 17. A etimologia dada por R. Garcia é de Batista Caetano (verbete *guasú*), mas nem por isso menos cambaleante, como é fácil julgar à vista da forma tupi primitiva. (p. 199).

(47) As duas formas dadas em nota por R. Garcia são as introduzidas no português: *suagurana* e *suquarana* (p. 201). O último termo arana é composto de *aba* + *rana* — de pelo parecido a. Parece denominação muito truncada, pois falta-lhe a parte específica.

(48) A fl. 187, Abbeville repete o termo e ali grafia *so-ouassou-caé*, aproximando-se mais da forma do Vib. e de Léry quanto ao adjetivo. No manuscrito original devia-se ler *sou* em lugar de *so*. Veja o nosso comentário a *se-ouassou*, no capítulo que trata dos compostos com *ouassou*; em Léry. Ali mesmo se refere também a etimologia de R. Garcia. Não há justificativa para a grafia *caé* por *caé* na tradução brasileira.

(49) Abbeville não identifica a espécie de veados a que davam este nome, suscitando certa dúvida quanto ao verdadeiro significado. Mórificamente *sou-ouassou-ac* é uma variante *tupinambá*, que se aproxima, como a de Léry, ao tupi clássico. O seu conjunto mostra que a forma *asú* do adjetivo estava longe de predominar nos designativos para veado. A p. 109, a grafia da tradução brasileira modificou o vocabulário original. A p. 111, R. Garcia põe em dúvida o sentido que lhe dá d'Abbeville. *Sy-guású-aka* significa de fato galho de veado; mas, que nos impede vermos no termo uma justaposição de nomes? Nesse caso traduziríamos *su-asú-ak* (— *sy-guású-aka*) por veado-chifre, veado galho, ou antes veado galheiro, como *pirá-aka* é o peixe-chifre, em tupi, por causa do grande espinho ereto na cabeça. Em português chamam-o com menor acerto de peixe-porco, mas usando idêntico processo léxico.

(50) A etimologia correta é: *táia* — dente e *usú* — grande, alterado muito cedo em *tai-asú*, já que aparece a mesma forma em dialetos guaranis. Veja a nota 20 ao mesmo termo, no capítulo dedicado aos aumentativos em João Staden.

(51) Veja a nota anterior. (p. 199).

(52) No livro de Abbeville *tingassou* é apenas a estréla precursora das pléias. Mas em certas regras do Brasil *tingaçu* é sinônimo de *alma-de-gato*, ave tão útil quanto interessante, também chamada *tinguaçu*. Tratar-se-á de duas formas da mesma palavra? R. Garcia, que pouco sabia da gramática tupi, não teve disso a menor dúvida. Para ele (p. 247) *ti* — bico (ele escreve *ti*) transforma-se em *ting* com a maior simplicidade e, portanto, *tingaçu* se traduz por bico grande. Entretanto, no tupi como no guarani, a bico grande só corresponde *ti-guású*. A sua aplicação ao *alma-de-gato* tropeça, porém, numa dificuldade: não é portador de um bico impressionante pelo tamanho, principalmente se o compararmos com o dos tucanos, dos araçaris, dos papagaios e mesmo de certos gaviões. Como nome da estréla precursora do *seto-estréla*, *ti-guású* — bico grande é admissível, mas, então em d'Abbeville, ou está mal impresso, *tingassou* por *tin-ouassou*, (compare acima *tin-mocou-ouassou*) ou se trata de um termo de modificação antiga, talvez por assimilação ao nome de uma gaivota — *atingasú* (*larus atricilla*), de *a* — cabeça, *ting* — branco e *usú*, modificado para *asú*, — grande. (Veja Goeldi — *Album*, I. 6). Mas por que *tingassou* de Abbeville não seria simplesmente aférese de *atingasú*, o nome tupi para galvota? Frisemos aqui mais uma vez que: *atingasú*, *tingasú*, *taiasú* e *asiasú*, (— *sanhacu*, *samhaço*) são as únicas palavras em *asú*, que, até hoje, respigamos no tupi clássico. (p. 247).

## VIII

**“GUASO” E “USÚ” EM  
“VOYAGE DANS LE NORD DU BRÉSIL”  
DE FREI IVO D’EVREUX**

Encontramos escassa dúzia de aumentativos no livro *Viagem no Norte do Brasil*, de frei Ivo d’Évreux, dos quais apenas um em *usú* contra onze em *uasú*.

Dois deles merecem reparo preliminar: *ugar-ouassou* e *vuac-ouassou*. No primeiro, estranhamente, num termo tão corriqueiro, *ouassou* (=*guasú*) está mal empregado por *oussou* (=*usú*). No segundo é muito provável haja ocorrido um erro de cópia ou de impressão na primeira parte do composto. Teríamos assim uma única transgressão das regras que regem a formação dos superlativos tupinambás empregados por frei Ivo.

Em geral e resumindo, o que sobra neste capuchinho à ingenuidade falta-lhe ao lingüista e observador. Deve ter sido um missionário eficiente, mas como etnógrafo e lingüista, cujas luzes aqui procuramos antes do mais, não chega aos pés de frei Cláudio, ainda que as listas de vocábulos tupinambás e os textos sejam achegas muito valiosas. É por isso que, ao vermos frei Ivo encomiar com certo orgulho a sua experiência de dois anos no Maranhão, quando frei Cláudio não demorou mais do que parcos quatro meses (2), exclamamos involuntariamente: “Maravilhosos quatro meses de frei Cláudio”!

**“USÚ” EM IVO D’EVREUX**

Grafia de frei d’Évreux	Forma tupi em nossa grafia fonêmica	Tradução portuguêsa
taper-oussou (pp. 293/94)	— taper-usú	— a grande tapera, a grande aldeia abandonada (3);

(1) *Voyage dans le Nord du Brésil*; publié par Ferdinand Denis; Paris, 1864. As páginas indicadas são de desta edição. Há uma tradução brasileira comentada, de César Augusto Marques; Maranhão, 1874, reimpressa no Rio de Janeiro, em 1929, com o título «*Viagem ao Norte do Brasil*».

(2) *Ibidem*; p. 7.

(3) É o único termo em *usú* consignado no livro de frei Ivo, às pp. 293/94. Se a memória não o traísse, teríamos mais dois: *vuac-oussou* (*ybak-usú*) e *ugar-oussou* (*ygar-usú*), aos quais nos referimos acima. Quanto à tradução, o capuchinho enganou-se redondamente ao dizer que *taper-usú* significa aldeia de animais grandes. Naturalmente teve em mente a nossa anta, o *tapir*, que em tupi se chama *tapira*, ou *tapiir-usú*, mas que d’Abbeville grafia *tapyr-oussou*. Ivo d’Évreux paralhou, pois, *tapyr-oussou* com *taper-oussou* e daí a sua definição de «aldeia de animais grandes» ou, mais propriamente, das antas, sem se dar conta de que em *tapiir-usú* faltou o conceito de aldeia. Este e outros exemplos mostram que, em fatos lingüísticos, frei d’Évreux, a despeito da sua permanência mais longa entre os índios, é menos fidedigno do que frei d’Abbeville, que distingue perfeitamente *tapyr-oussou* de *taper-oussou*, dando ao último o significado mui correto de grande aldeia velha. (fl. 184v).

*"Gùasú" em Ivo d'Évreux*

giopary-ouassou (p. 14)	— furuparí-gùasú	— demônio grande (3A);
iapy-ouassou (p. 32)	— iapy-gùasú	— japiagu (4);
kounoumy-ouassou (p. 81)	— kunumlí-gùasú	— môço (5);
ouira-ouassou (p. 203)	— gùyrá-gùasú	— uraçu, ave de rapina em geral (6);
pay-ouassou (p. 31)	— paí-gùasú	— grande venerável, feiticeiro-mor (7);
pagy-ouassou (p. 31)	— paíé-gùasú	— grande feiticeiro (8);
tatou-ouassou (p. 262)	— tatú-gùasú	— tatu-açu, tatu-canastra (9);
thuye-ouassou (p. 116)	— tygé-gùasú	— bucho, barriga (10);
tovape-ouassou (p. 115)	— tetobapé-gùasú	— bochechudo (11);

(3A) Abbeville escreve *leropary*; os jesuítas *furupari*. — Repetidamente se nota em frei d'Évreux a tendência de consonantizar o i semivocal de outros autores. Isto é tão mais surpreendente, quando o Vpb. ainda cem anos mais tarde anota na mesma região, que os *tupinambás* raras vezes usam o i, que só ocorre ocasionalmente, quando lhe segue u. (Ver o verbete *feiticeiro*). Pelo que se deduz de certas lendas amazônicas, *Jurupari* foi inicialmente um herói cultural. As medidas drásticas por ele postas em prática, principalmente contra as mulheres, conferiram-lhe características de gênio malfazejo nas áreas em que penetrou por processos de aculturação. Entre os *tupis* do Norte foi até promovido a satanás. Mais ao sul, entre o Maranhão e o Prata, o conceito de chefe dos demônios foi conferido a outro ente mifológico, ao *anhanga*, nome que no guarani se apocopa em *anhã*. Entre os *tupis* orientais *Jurupari* foi apenas um espírito maléfico de segunda ordem. Aos guaranis e tribos afins era desconhecido. Comparando essa crescente ausência em direção ao sul com as ruidosas cerimônias peculiares ainda em voga no século atual, sobretudo na região do Uaupés, colhe-se a impressão de ser *Jurupari* um intruso na mitologia tupi e de ter ele vindo das bandas de além-Amazônia. Em dialetos da família cariba encontramos, por exemplo, *foroku*, *lúluka* com o sentido de espírito mau e deus. Em dialetos aruacas há uma cobra mítica chamada *urupiru*. Temos ai, no mínimo, indícios veementes da primeira parte do nome *Jurupari*, mesmo sem tomarmos em consideração que os fonemas i e r são afins e que nas línguas indígenas sul-americanas a permuta entre k e p é muito comum. E, pois, infantil o tentar de Batista Caetano e seguidores de explicarem, com raízes *tupis*, têrmos como: *Iuru*, *lulu*, *uru* difundidos em línguas mui diversas, faladas entre as Antilhas e o Amazonas, principalmente quando as tais etimologias, como no caso presente, em nada correspondem às funções primordiais do ente mítico designado. (Consulte, entre outros, C. H. Goeje — *The Arawak Language of Guyana*; pp. 198-201, § 166 e 220, n.º 45).

(4) Nome de um tubixaba *tupinambá*, citado em muitos trechos: pp. 82, 140, 290, 291, 332, 340, 352. — Veja a nota 13 no capítulo referente aos aumentativos em d'Abbeville.

(5) *Kunumí*, com n, é a forma preferida no tupi.

(6) *Gùyrá-gùasú* é o genérico das aves de rapina. Aliás, como já observamos, os genéricos são raros no tupi.

(7) *Paí* é término de reverência, que passou aos padres, geralmente combinado com *abaré*: *paí abaré*. De *paí* vem *paíé* — *pajé*. *Paí* não é lusismo, como pensam alguns.

(8) Frei d'Évreux escreve *pagi* e *pagy*; o seu companheiro d'Abbeville *pagé*. Entretanto, no tupi clássico se dizia *paíé*, como ainda hoje no *nheengatu*. Veja a respeito do fonema J no tupi e no *tupinambá* o que dissemos em *Estudos Tupis e Tupi-Guaranis*, pp. 100-103, no parágrafo referente a esse fonema, no capítulo: *Em Lingüística, *tupinambá* não é sinônimo de *tupi**. — Em Évreux ocorre sobretudo as pp. 32, 104, 289, 300, 306 etc.

(9) *Tatu grande* era o epíteto que os indios haviam conferido a um gentil-homem francês, que de alguma forma o devia merecer. Em torno de *tatu* Batista Caetano lembrou algumas achegas etimológicas, que R. Garcia em suas notas a d'Abbeville não teve dúvida em promover a sentença definitiva, dispensando a indicação da fonte.

(10) Évreux registra aqui, como em alguns outros casos, uma forma que se aproxima da *guarani tyé*, intercalando apenas a semivocal y (= i).

(11) O Vpb. dá *tobapé* com acepção de face ou rosto e *tetobapé* para bochecha, de onde *tetobapé-gùasú* — bochecha grande e bochechudo. Em *tovapé-ouassou* teríamos assim, se não houve lapso, um caso de aferese.

ugar-ouassou (p. 218) — ygar-usú  
 vuac-ouassou (p. 28) — ybak-usú — canoa grande, navio (12);  
 — céu grande (13);

## IX

**“GUASÚ” E SUAS VARIAÇÕES “USÚ” E “AÇÚ”  
 NA “HISTÓRIA NATURAL DO BRASIL”  
 DE PISO E MARCGRAVE (1)**

O livro de Piso e Marcgrave é particularmente valioso para o nosso estudo, por trazer os nomes indígenas de muitas espécies animais e vegetais. São geralmente de origem tupi, hauridos de ensinamentos diretos ou de inspiração jesuíta, mas algumas vezes também aponta sinônimos regionais, tupinambás ou potiguaras, quando diferem dos compêndios tupis ou dêles não constam. Com estas minudências fornece-nos a prova de que, tanto *tupinambá* como *potiguara*, de maneira alguma eram considerados sinônimos incondicionais de *tupi*, pois *brasílico*, a denominação equivalente na época, sempre teve acepção genérica e aquêles específica, por freqüente tenha sido a identidade das suas formas. Já tomamos posição contra tal inovação indefensável em estudo pormenorizadamente documentado (2).

Utilizamos para as nossas indagações, tanto a edição original de 1648, quanto as traduções comentadas, feitas pelo Museu Paulista. Indicamos em cada verbete, pela inicial do autor, o tratado em que ocorre e a seguir o número da respectiva página nas edições paulistas. Na tradução de Marcgrave, por singular esmêro, a paginação corresponde exatamente à da edição latina de 1648, mas na de Piso essa correlação tão cômoda foi descurada.

Quanto à transcrição dos têrmos tupis, no que diz respeito à formação dos aumentativos, podemos classificá-la de cuidadosa, se fizermos abstração da ausência de acentos, da cedilha, da configuração do *i* gutural e nasal, segundo a praxe deformadora dos autores latinizantes.

(12) Na exclamação em que ocorre a palavra tupi para navio, a memória deve ter traído o pe. Ivo, ou então houve erro de impressão. *Ygar-usú* é a única forma admissível.

(13) O vocábulo ocorre também na forma positiva a pp. 272, 274 e 275. Embora *Ceu* grande seja epíteto algo estranho, e que *ybaká* (*vuac* = *uvac*) não admite a forma *guasú*, (*ouassou*) para grande, a tradução mais admissível é a que damos. — Há, entretanto, a possibilidade de *vuac* aparecer ali por *yua* (= *uva* = *ybá*) — fruta. *Ybá-guasú*, ou seja *vua-ouassou* na grafia de frei d'Evreux, designava o côco no dialeto tupinambá do Maranhão. Com *vua* (= *ybá*) a forma *ouassou* (= *guasú*) estaria plenamente justificada e coqueiro é de fato um nome à altura de um grande chefe e corresponde à praxe tupi. Compare a nota 37, no capítulo relativo a *guasú* em d' Abbeville.

(1) *Historia Naturalis Brasiliæ*; Leida e Amsterdão, 1648. A obra foi traduzida e largamente comentada a instâncias do Museu Paulista: Jorge Marcgrave — *História Natural do Brasil*; S. Paulo, 1942. Guilherme Piso — *História Natural do Brasil Ilustrada*; Companhia Editora Nacional, s.l. — 1948.

(2) Intitulado: «Em lingüística, tupinambá não é sinônimo de tupi». É o capítulo I. da Parte II, do nosso livro *Estudos Tupis e Tupi-Guaranis*; Livraria Brasiliiana Editora, Rio de Janeiro, 1969.

As duas únicas transgressões das rígidas normas tupis no emprego de *gúasú/usú* encontramos nos términos *cebípira-guacu* e *aguaracuinha-acu*. Ambas ficam a débito de Piso, que, ainda mesmo na segundo edição da obra, entregue aos seus cuidados pessoais, esbarra também, quanto a outros aspectos em restrições dos entendidos, dentre os quais não poucos dão preferência à redação inicial baseada por Laet quase exclusivamente na deixa de Marcgrave, falecido na África, em 1644 (3).

### *A forma "gúasú" em Piso e Marcgrave*

Grafia de Piso e Marcgrave	Forma tupi em nossa grafia fonêmica	Tradução portuguesa
Ahoay-guaçu (P. 56)	— agúai-gúasú	— cascaveleira (4);
amore-guacu (M. 166)	— amoré-gúasú	— moréia-do-mangue;
araca-guacu (M. 105; P. 34)	— arasá-gúasú	— goiaba, araçá-goiaba;
boi-guacu (M. 239; P. 48)	— mboi-gúasú	— sucuriúba, cobra-veado (5);
caa-guacu-iba (M. 97)	— ?	— caule de fôlha grande (6);
camaripu-guacu (M. 178/9)	— kamurupy-gúasú	— um peixe elopídeo muito comum no Nordeste (7);
caraguata-guacu (M. 87; P. 123)	— karagúatá-gúasú	— gravatá-açu;
cebípira-guacu (P. 88)	— ?	— sucupiruçu (8);
cugupu-guacu (M. 169)	— kunapú-gúasú	— mero (9);

(3) A edição de Piso é intitulada: *De Indiae utriusque re naturali et medica*; Amsterdão, 1658.

(4) Reparem antes do mais no h, que ali representa o fonema g muito suave na combinação gú. Temos nêle mais uma prova, aliada à indicação caracterizante de que, à base da grafia gú dos velhos mestres do tupi e do guarani, houve de fato indubiatável razão fonêmica, por mais que generalizações apressadas o queiram pôr em dúvida. Compare o que diz o catecismo Araújo/Leão na página quarta da sua preiosa advertência. Tanto Léry como Thevet se referem à árvore aoual, ahoual. A amêndoia dos seus frutos é tóxica violento de que os índios, principalmente os pajés lançavam mão para eliminar os desafetos. O nome português lhe vem de uma finalidade mais inocente do fruto esvaziado; dêle os índios fabricavam os seus cascavéis, isto é, os gulos com que guarneclam as jarreteiras de gala. — (Thevet — *Singularités*; cap. 38. — Léry — *Voyage*; cap. 8 e 13.)

(5) Veja o capítulo que trata dos aumentativos em João Staden. Não se trata no caso de aumentativo.

(6) É tradução literal do nome indígena, que é uma sucinta descrição da árvore pequena, cuja identificação está por ser feita, segundo o comentarista da tradução de São Paulo.

(7) Léry também registra esse peixe marítimo. O vocábulo sofreu diversas alterações e aparece hoje também nas formas: camorupi, camorupim e camaropim. Cardim escreveu camurupy.

(8) É uma variação maior de sebípira. Gabriel Soares grafou sepepira, forma que, por metaplasmia, corresponde a sycopira e sucupira. Se Piso ouviu de fato gúasú, então o vocábulo talvez fosse oxitono entre os índios, onde o colheu; portanto sebípira-gúasú, porque só aos oxitônios cabe a forma gúasú. Entretanto, é mais provável que a memória o tenha traído. Ainda hoje os mateiros dizem corretamente sucupir-usú, ou, às vezes modificado em sucupir-asú. Com isso não queremos negar houvesse alguns casos de sistole, como em mingau e sanhaço, ao passar o termo para o português. A forma tupi primitiva, a julgar pelas variantes, deve ter sido syypipira, sykypira, ou sybypira.

(9) Parece nome mal transscrito por cunapu-guaçu, que se conservou em várias regiões da costa, enquanto na Bahia se diz canapu. Gabriel Soares tem cunapu.

cunumi-guacu (M. 276)	— kunumí-gûasú	— môço (10);
guaca-guacu (M. 205)	— ?	— uma gaivota;
guatapi-guacu (M. 278)	— gûatapy-gûasú	— um búzio (11);
guira-guacu-beraba (M. 212)	— gûyrá-gûasú-beraba	— ? (12);
iequie-guacu (M. 279)	— iekeí-gûasú	— côvão, nassa grande (13);
inaja-guacu (M. 138)	— inaiá-gûasú	— côco, coqueiro (14);
inaja-guacu-iba (M. 138; P. 72)	— inaiá-gûasú-yba	— coqueiro (15);
jabiru-guacu (M. 200)	— fabyrú-gûasú faburú-gûasú	— passarão (16);
jaguacati-guacu (M. 194)	— ?	— martim-pescador;
mucuna-guacu (P. 56)	— mukunã-gûasú	— mucunã-guaçu, uma leguminosa trepadeira;
mundé-guacu (M. 272)	— mundé-gûasú	— uma armadilha grande;
mundubi-guacu (M. 96)		— pinhão-de-purga (17);
munduy-guacu (P. 93)	— ?	— maracujá-melão (18);
murucuja-guacu (M. 70; P. 117)	— murukuiá-gûasú	— uma casta de mamona, segundo Piso;
nhambu-guacu (M. 77; P. 102)	— ?	— ema;
nhandu-guacu (M. 190, 248; P. 50)	— nhandú (-gûasú)	

(10) Foi registrado por Cardim, à p. 97, sem o adjetivo.

(11) Gabriel Soares escreve *oatapu* (*gdatapú*), mas já nos próprios dialetos indígenas se verifica a mudança de *y* para *u*.

(12) A tradução literal do nome indígena é grande ave brilhante. Embora cientificamente classificada, (*Hemithraupis guira* *guira*) o comentarista da parte ornitológica de Marcgrave não conseguiu descobrir o nome vulgar dessa ave vistosa das campinas. Não consta dos compêndios tupis esse apelido descritivo.

(13) Se não houve engano de transcrição, no dialeto potiguar a designação para *nassa*, covo era *fekeí*, em lugar de *fekei*, que os jesuítas dão no seu vocabulário tupi. Tratar-se-á de metaplasmo ou de formas diferentes de covos, como em *fekeá*.

(14) *Inaiá* era o nome tupi para o coquinho da pindoba. O côco sendo exótico no Brasil, é natural que o índio lhe conferisse um nome baseado na comparação com frutos indígenas similares. Daí *inaiá-gûasú*, por ser o côco (da Índia) bem maior do que o coquinho da pindoba. Compare a nota 37, no capítulo dedicado aos aumentativos em *d'Abbeville*.

(15) A tradução literal é árvore de *inajá* grande, em que *inajá* tem o significado tupi de côco da pindoba. Tendo o índio dado ao côco da Índia o nome de *inaiá-gûasú*, pois viu o côco importado antes da árvore, que de lá se desenvolveu aqui, a designação de *inaiá-gûasú-yba* é uma decorrência lógica, embora não corresponda à praxe tupi, onde o nome dos côcos, com exceção da pindoba, também designa a árvore sem o auxílio de *yba*.

(16) Marcgrave anota que *fabyrú-gûasú* dos potiguaras corresponde a *nhandu-apuá* dos tupinambás. *Apúá* é o promontório, o cabo, o beco superior. Aqui se refere à parte superior do bico, que é maior do que a inferior. O passarão era, pois, para os tupinambás, uma ema bicuda e para os potiguaras um jaburu grande. Influências do meio geográfico.

(17) Na designação de Piso já não figura o *b*; talvez houvesse lapso na transcrição.

(18) *Murukuiá* corresponde à grafia de Cardim, p. 72.

nhumbu-guacu	— ?	— trombeta feita de búzio
(M. 278)		(19);
pai-pai-guacu (M. 255)	— ?	— uma vespa;
pitanga-guacu (M. 216)	— ?	— um bem-te-vi;
poti-guacu (M. 188)	— poti-guasú	— pitu;
pua-guacu (M. 276)	— moã-guasú	— dedo polegar;
timbo-guacu (P. 126)	— timbó-guasú	— um cipó timbó;
urape-guacu (P. 89)	— ?	— bilreiro (20);

### *A forma "usú" em Piso e Marcgrave*

copuer-ucu (P. 43)	— ?	— uma vespa (21);
eir-ucu (P. 64)	— eir-usú	— a abelha uruçu (22);
guar-ucu-eremembi (M. 256)	— fakyhana	— cigarra;
ietic-ucu (M. 41)	— ietyk-usú	— batata de purga (23);
iltic-ucu (P. 104)		
isoc-ucu (M. 252)	— ysok-usú	— uma lagarta (24);
pacob-ucu (M. 138, 274)	— pakob-usú	— banana-da-terra;
piab-ucu (M. 170)	— piab-usú	— urna piaba.

### *A forma "asú" em Piso e Marcgrave*

aguaracuinha-acu (P. 120)	— aguara-kyynh-usú	— erva-moura (25);
ating-acu-camucu (M. 216)	— ?	— alma-de-gato (26).

(19) Nhumbú, sem dúvida, tem relação com a jombiá (= lumbiá) — buzina, do Dicionário Português e Brasiliano e da Poranduba Maranhense, pela mudança de i, para nh na vizinhança de nasais. Esta palavra, por qualquer falha, aparece em Léry na forma de inubia, forma indefensável, que se vem mantendo, com outras extravagâncias, através das obras de Gonçalves Dias e copiadores. O Vib. não traz nenhum destes termos.

(20) Piso indica os dois nomes: urapé-guasú e jitó; Marcgrave apenas jitó. Há diversas variedades.

(21) A designação aparece em Gabriel Soares, cap. 91, na forma capuerugu, onde já se nota a influência do étnimo kaá, que se perpetua erradamente em capuera e capixaba.

(22) Eira significa propriamente mel e, em compostos, também abelha. Eir-usú é literalmente mel.

(23) A falta de cedilha propagou a forma jetiucu em lugar de jeticuçu. Em tupi ietyk-usú significa batata grande e já vem mencionado no cap. 61 de Gabriel Soares com as virtudes purgativas. Compare a estranha etimologia de R. Garcia, em Fernão Cardim, p. 131.

(24) Lagarta é ysoka em tupi e lagarta grande — ysok-usú. Não se compreende, assim, por que o comentarista de Marcgrave lançou mão do termo guarani ysog para a sua explicação.

(25) Há inversão de letras nesta palavra, de que a maioria dos compiladores não se dá conta: aguara-cunha-acu está por aguara-cuinha-acu, mais exatamente, aguara-kyunha-asú por aguara-kyynh-usú, que este último é a forma correta em tupi. A tradução literal é pimenta grande do guará (= cachorro do mato ou lobô). Inácio de Menezes (Flora da Bahia) vê sinônima em aguaraquimha-asú (sic!) e orista-de-galo. O Vib. traduz aguara-kyunha por erva-moura. A forma aumentativa correta é aguara-kyynh-usú.

(26) O alma-de-gato aparece também com o nome atingaçu. Gabriel Soares registra atiaçu. Entretanto, atingaçu no Vib. designa uma uma galvota. Encontra-se também atinguagu e tinguacu traduzido por alma-de-gato. Veja a nota 52 ao mesmo termo no capítulo dedicado a d'Abbeville.